

## O Homem Máquina

- ...

- Dr.<sup>a</sup>, o sujeito está a reagir...

- ... Onde... O quê...

Com um misto de náusea e sonolência, Edward abriu os olhos. Como lhe pesavam terrivelmente! Tentou mexer a cabeça, mas não conseguiu. Sentia o corpo mole e dorido.

- Dr.<sup>a</sup>, está a acordar!

- Não lhe dêem mais anestesia, já temos o que precisávamos...

O que era aquilo? Um hospital? Mas... porquê? Enquanto experimentava em vão mexer o seu corpo, tentava lembrar-se da razão pela qual teria acabado ali. Tinha saído de casa para ir para o trabalho como costume, quando ... Quando parou um carro negro ao pé de si... Sim, conseguia vê-lo claramente, tinha os vidros fumados e estava impecavelmente limpo... E depois... Nada...

- Onde é que... Onde é que eu estou?

Não conseguia abrir os olhos por causa da intensa claridade que lhe vinha de uma lâmpada colocada no cimo da sala. Demorou algum tempo a habituar-se à luz. Consequia distinguir vultos de pessoas a recuar para os cantos da sala como sombras.

- Não, eu tenho... Tenho de ir para o emprego, estou atrasado...

Foi nessa altura que viu os seus tornozelos e pulsos algemados ao que parecia ser uma mesa de operações. Entrou em pânico.

- Quem... Quem são vocês? ... Não, não...LARGUEM-ME!

Reparou num dos vultos que se havia retirado para um canto da sala. Envergava uma bata, uma touca, e a sua face era irreconhecível debaixo dos óculos de protecção. E as mãos... As luvas... Cobertas de sangue, ERA SANGUE SEU! Desviou o olhar para o seu corpo: estava nu e apresentava uma cicatriz recentemente cosida na barriga. Os vultos (cerca de treze) observavam-no no seu pânico.

- Não... Parem... Parem agora! Libertem-me! Deixem-me ir! SOCORRO!

- Oh, por favor, não seja dramático! Como se alguém o pudesse ouvir... Clifford, liberte-o e tape-o, não queremos que o nosso paciente se sinta exposto...

- Sim, Dr.<sup>a</sup>.

Um dos vultos aproximou-se com uma bata e carregou num botão localizado ao lado da mesa. Edward já se podia mexer. Aterrorizado, saltou, empurrou o vulto e agarrou na primeira coisa que encontrou com a mão dormente: um bisturi numa pequena mesinha, coberto de sangue. Três dos outros vultos fizeram tenção de se aproximar, enquanto o outro se levantava do chão.

- Não se aproximem, EU MATO-OS!

- Força, então! Avance! Mas garanto-lhe que estará morto assim que der o segundo passo com esse objecto na mão...

Era o vulto ao qual se referiam como Dr.<sup>a</sup>. Avançava em direcção a ele com uma pasta na mão.

- Deixem-nos...- disse secamente.

E todos os vultos saíram por uma porta que pareceu emergir da escuridão para depois voltar a nela mergulhar.

- Vista-se, temos que falar...

Apesar de horrorizado, Edward obedeceu. Apanhou a bata do chão e sentou-se a tremer na mesa de operações. O que queriam dele? O que lhe iriam fazer? Que frio!

- Sou a Dr.<sup>a</sup> Camilla Adams e sou a responsável por este projecto, Sr. Collins.

- ... Sabe o meu nome?

- E não só, Edward... - disse, rindo. - Posso tratá-lo assim, por Edward?

-... Sim, acho que sim... - respondeu Edward. Estranhamente, parecia agora sentir mais repulsa que medo daquela figura que provavelmente o tinha raptado para fazer dele a sua cobaia.

- Peço desculpa pela forma como foi tratado anteriormente. As algemas, a ameaça...

- O rapto...

- Prefiro “o convite obrigatório”. Estava a dizer que lamento por tudo isso, mas tínhamos de tomar diligências. Qualquer movimento em falso podia expor o nosso projecto.

- Projecto? ...O que é que querem de mim? O quê?

- Represento a divisão experimental ultra-secreta de uma empresa que, por motivos de segurança, não posso nomear. Se o fizesse, seria submetida a longos e aborrecidos interrogatórios, ao passo que você seria morto. Será referida entre nós simplesmente como “a Empresa”. Dado que se mostrou tão... relutante em cooperar connosco, ...

- “Relutante”? O que é queria que fizesse? Que me colocasse a jeito para me esventremem?

A Dr.<sup>a</sup> Adams continuava como se não o tivesse ouvido.

-... fui incumbida de lhe explicar alguns detalhes do projecto para que possa ver os inúmeros benefícios que resultarão da sua participação voluntária. Afinal de contas, você, Edward, é a peça chave deste trabalho, a pedra basilar, o corpo ... e a alma. São elevadas as expectativas que a Empresa coloca em si, não só pelo facto de estar envolvido um investimento ... considerável, digamos, mas também porque você representa o culminar de anos de investigação incessante. Todos os elementos da Administração observaram a intervenção através daquele vidro.

Apontou para um vidro negro que se destacava nas paredes vazias de azulejo branco. Edward sentiu um calafrio ao imaginar dezenas de olhos sedentos e expectantes cravados no seu corpo nu, enquanto os vultos o abriam e lhe remexiam nas vísceras, como abutres. Estava paralisado.

A Dr.<sup>a</sup> Adams entregou-lhe um ficheiro que tinha na pasta. Era uma fotocópia de um manuscrito num papel amarelado, decorado com gravuras douradas.

- Calculo que não deve conhecer esse manuscrito, nem o seu autor. Foi elaborado no século XVI por Michel de Nostredame, vulgarmente conhecido por Nostradamus.

- O profeta?

- Prefiro o termo “visionário”, é menos sensacionalista.

- Não estou a perceber...

- O facto, Edward, é que Nostradamus escreveu profecias. Se foram devaneios de loucura ou sonhos messiânicos, ... nada disso importa. Os nossos especialistas literários (sim, porque o nosso projecto não se poderia basear numa análise corriqueira) analisaram a sua obra na totalidade e descobriram nos seus versos a previsão da concretização de inúmeros eventos futuros: o Grande Incêndio de Londres em 1666, a subida ao poder de Napoleão Bonaparte, a loucura de Adolf Hitler, a bomba atómica, a queda da União Soviética, o ataque terrorista de 11 de Setembro de 2001... Ele viu, Edward, ele viu claramente no seu transe, ELE VIU muito antes de qualquer outro poder sequer imaginar! Tinha passado e futuro na sua mão...

- Que disparate! Como é que pode acreditar nisso? Também eu sou capaz de “profetizar”, desde que já esteja morto quando chegar a hora de ser confrontado com a concretização (ou não) da profecia. Há estudos publicados que denunciam Nostradamus como um charlatão...

- E onde leu esses estudos, Edward? Numa enciclopédia on-line? Nos alfarrábios poeirentos e desactualizados que os seus avozinhos tinham em casa? Não pode acreditar em tudo o que lê! Qualquer um pode escrever um livro e colocar lá o que bem entender. Os livros são as armas dos revolucionários e as ferramentas dos libertinos. Quando as bocas são caladas pela opressão ou pelo bom senso, são as mãos que agarram as penas que, molhadas de tinta, projectam heresias e delírios. Nos livros, as ideais dormem como parasitas, à espera que algum louco as desperte. Há livros que deturpam a história, alteram a ciência, corrompem a arte, e, não obstante, são adorados pelo povo. Há até um livro que afirma que o Mundo foi feito em sete dias... Um grande *bestseller*...

- Ou seja, para a Dr.<sup>a</sup>, é mais plausível acreditar em sonhos apocalípticos de um lunático do que em livros?

- Sim, desde que o “sonho apocalíptico”, como lhe chama, proporcione à Humanidade um maior avanço que séculos de estudo com livros jamais poderiam conceder. Nostradamus escreveu um pequeno livro intitulado *L’homme machine*, o “homem máquina”. A única cópia desse livro foi confiscada pela Inquisição, que a apelidou de “herética e demoníaca”. A Igreja tinha tanto medo dessa obra que nem se atreveu a destruí-la. Foi com muito esforço que a Empresa a adquiriu e estudou...

- Mas...

- Deixe-me terminar! – ordenou. – Como dizia, esse livro contém profecias sobre um fenómeno a que chamo “mecanização do Homem”. Nostradamus afirma, nesse livro, ter tido visões em que observava um corpo humano vivo, cujas órbitas vazias permitiam ver engrenagens e aparelhos construídos por bichos, que entravam e saíam do ser em cuspidelas de fumo ardente e fogo... O nosso projecto consiste em, com base nos princípios adivinhados por Nostradamus, fazer isso possível!

- Isto é loucura!

- Implantámos directamente no seu corpo milhões de nanosondas que irão fazer de si, Edward Collins, o primeiro “homem máquina”. Ao reduzir o tamanho dos componentes electrónicos através de compactação das partes essenciais e eliminação dos elementos dispensáveis, conseguimos elaborar materiais de excelente qualidade reduzidos à décima parte da grossura de um cabelo; é a nanotecnologia, Edward! As sondas vão regular o funcionamento dos seus órgãos através de impulsos eléctricos e controlar a secreção de hormonas, permitindo um controlo da reacção do corpo perante certos estímulos. Vão viajar pela corrente sanguínea, facilitando o processo de coagulação perante uma ferida. Vão implantar-se no seu nervo óptico, permitindo-lhe uma visão de 180° e ampliação de focos de interesse. Vão regular o pH,

detectar e destruir possíveis células cancerígenas, estimular a massa muscular e óssea e até repor espécies químicas em falta no organismo. É a chave da perfeição humana, o segredo da imortalidade...

- Não, NÃO...PORQUÊ EU?

- É o sujeito ideal, Edward: jovem, saudável, sem familiares ou amigos que o venham procurar se... pronto, algo correr mal... Um dos membros da Administração até é o seu médico!

Os vultos voltaram à sala, equipados para uma nova intervenção. Três deles forçaram-no a deitar novamente, ignorando os seus gritos e súplicas.

- Temos de ficar por aqui, há que fazer uma nova intervenção.

Edward só conseguia agora ver o vulto da Dr.<sup>a</sup> Adams a calçar as luvas, tão confuso que estava do horror e da anestesia.

- Conte até 10, Edward! Antes de acabar, estará a dormir, e, quando despertar, fá-lo-á para uma nova vida...1...2... 3... 4... 5... 6...